

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
FACULDADE DE LETRAS E ZOOTECNIA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

DÂMARIS DE OLIVEIRA DOS SANTOS

**Sob a ótica do trabalho: a abordagem do texto literário nos Cadernos da
Educação de Jovens e Adultos- EJA**

Pontes e Lacerda – MT

Dezembro / 2013

DÂMARIS DE OLIVEIRA DOS SANTOS

**Sob a ótica do trabalho: a abordagem do texto literário nos Cadernos da
Educação de Jovens e Adultos - EJA**

Trabalho Monográfico apresentado ao
Departamento de Letras – Campus
Universitário de Pontes e Lacerda –
UNEMAT, sob orientação do prof. Dr.
Helvio Moraes Jr como requisito
parcial para obtenção do título de
graduada em Licenciatura Plena em
Letras.

Pontes e Lacerda – MT

Dezembro / 2013



GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
FACULDADE DE LETRAS E ZOOTECNIA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

ESTE TRABALHO MONOGRÁFICO FOI DEFENDIDO E APROVADO PELA
SEGUINTE BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Helvio Moraes – Orientador

Prof. Dr^a. Madalena Machado – Membro

Prof. Ricardo Marques – Membro

Pontes e Lacerda - MT

Dezembro/2013

Agradecimentos

A Deus

Agradeço a Deus, todo soberano que nunca me abandonou nesta caminhada. Agradeço-te Deus, por me emprestar um coração que pulsa.

Aos Colegas de curso

Aos colegas companheiros que tornaram essa jornada inesquecível. Passamos por momentos alegres, momentos tristes, momentos de intrigas, momentos de parcerias e de sabotagens. Momentos que sempre levarei comigo.

A vocês, sabotagens: Nayara Vidal, Nandara Maciel, Adriana Cardoso, Rejane Fiorin, Almir Gomes, Keli Oliveira e Sabrina Oliveira. Muito obrigada por esses anos juntos, temos muitas histórias pra contar...

Ao professor Orientador Helvio Moraes

Meu orientador, meu Padrinho intelectual. Obrigada, por toda colaboração, por sua atenção, compreensão, paciência e por todo apoio que me deste durante minha graduação.

Aos mestres

A todos os professores que contribuíram para o meu crescimento intelectual: a vocês meus sinceros agradecimentos. E em especial aos

professores Tereza Pazos, Marinei Almeida, Madalena Machado e Epaminondas Matos, saibam que durante todo meu percurso acadêmico vocês fizeram toda a diferença.

Aos Amigos

Obrigada por me entenderem e me apoiarem. Muitas vezes, abri mão de estar com vocês para fazer trabalhos acadêmicos. Obrigada, Francieli Bolognani, pela amizade e por estar sempre comigo compartilhando momentos alegres e de angústias, saiba que te considero como uma irmã. Como poderia esquecer de você Sidney Coelho, não tenho palavras para te agradecer e descrever o quanto é especial em minha vida. Agradeço também a Márcia Aparecida e ao Paulo Lino que acompanhou minha trajetória e sempre me impulsionaram a não desistir.

Aos Educadores do CEJA

Não poderia esquecer de agradecer a todos professores da Educação Básica, mais especificamente do Centro Educacional 6 de Agosto pela colaboração, em especial a Aline Eguchi que me auxiliou com os materiais para a minha pesquisa.

A Banca Examinadora

Obrigada pela contribuição.

Dedicatória

Dedico este trabalho a minha família que sempre me deu suporte para que eu pudesse concluir minha graduação. Ao meu irmão Miquéias Oliveira e minha irmã Miriã Oliveira e, em especialmente, a minha mãe Aparecida Oliveira dos Santos e ao meu pai David Rodrigues dos Santos, que me incentivaram nessa trajetória.

Ah, que ninguém me dê piedosas intenções,
Ninguém me peça definições!
Ninguém me diga: "vem por aqui!"
A minha vida é um vendaval que se soltou,
É uma onda que se alevantou,
É um átomo a mais que se animou...
Não sei por onde vou,
Não sei para onde vou
Sei que não vou por aí!

(Cântico Negro- José Régio)

Sumário

Resumo	9
Introdução	10
1. Centro Educacional de Jovens e Adultos – CEJA	15
2. A Literatura como é contemplada nos documentos oficiais e nos programas do EJA.	22
2.1 Orientações Curriculares	25
3 .Considerações sobre o ensino da Literatura.	29
4. Cadernos de EJA: como o material didático concebe o texto literário.	38
5. Considerações finais.....	52
Bibliografia	55

Resumo

O presente estudo objetiva fazer uma análise no material didático direcionado a Educação de Jovens e Adultos, especificamente na coleção “Cadernos de EJA. O nosso intuito é observar como o texto literário é trabalhado nessa coleção. O embasamento teórico que norteia nosso estudo são as Franchetti (2009), Todorov (2010), Zilberman (2009), Candido (1995), entre outros, apontam sobre a importância da Literatura, enfatizando que o ensino/aprendizagem só é possível mediante a leitura, o navegar no universo literário.

Palavras – chaves: Literatura. EJA. Trabalho.

Abstract

The present study aims at analyzing the educational materials targeted to youth and adult education, specifically in the "Journals EJA collection. Our aim is to observe how the literary text is worked in this collection. The theoretical basis guiding our study are the Franchetti (2009), Todorov (2010), Zilberman (2009), Candido (1995), among others, point to the importance of literature, emphasizing that teaching / learning is possible only through reading, navigating the literary universe.

Key – Words: Literature. EJA. Work.

Introdução

Essa pesquisa surgiu de um trabalho realizado no Centro Educacional de Jovens e Adultos 6 de Agosto, em Pontes e Lacerda MT, através do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID. O motivo que nos instigou a fazer essa pesquisa foi algo que de alguma maneira nos incomodava em relação ao ensino e aprendizagem do texto literário na Educação de Jovens e Adultos.

O fato de a Literatura estar inserida em uma disciplina Chamada Língua Portuguesa faz com que seja compreendida uma vasta série de conteúdos que os programas oficiais prevêem, mas que, na prática e na própria configuração do material didático colocado à disposição dos educadores dos ensinos Fundamental e Médio, leva a uma perda da especificidade do trabalho com o texto literário.

Se temos a disciplina de Língua Portuguesa, que podemos considerar como o foco desse conteúdo, e que ocupa de alguma forma o centro do ensino, resta para o texto literário a parte periférica dessas aulas, quando isso acontece. O professor da educação básica focaliza suas aulas em leitura de textos (com temas que os alunos da Educação de Jovens e adultos consigam discutir), estudo do texto, prática de escrita e regras gramaticais

Dentro desse viés, Todorov (2010) salienta que a literatura deve preencher o espaço central nas aulas de literatura, ou seja, a literatura precisa deixar de ser submissa, e passar a ter algum significado no processo educacional. E ainda discutindo sobre o espaço da literatura em sala de aula, o autor evidencia o aspecto redutor da concepção acima referida, afirmando que

A concepção redutora da literatura não se manifesta apenas nas salas de aula ou nos cursos universitários; ela também está representada de forma abundante entre os jornalistas que resenham livros, e mesmo entre os próprios escritores (2010, p. 41)

O que estamos querendo frisar é que a disciplina de Língua Portuguesa que está instaurada na área de linguagem se forma pautada em um todo complexo de conteúdos e disciplinas: Linguística, Produção de Texto, Língua Portuguesa, Leitura e Literatura. Isso é muita coisa para uma disciplina só, ou seja, na ânsia de contemplar todo esse conjunto, sempre alguma coisa vai ser deixada para trás ou não será bem trabalhada. Contudo, podemos dizer que a literatura está sendo sufocada por outras formas de se pensar o ensino. Desse modo, torna-se problemática independência dos estudos literários.

Diante de tais inquietações e pensando no material que é fornecido para o professor da EJA, pesquisamos como o material didático concebe o texto literário na Educação de Jovens e Adultos (EJA). Para isso, recolhemos alguns cadernos da educação de jovens para podermos fazer uma análise desse material. A partir dele, poderemos evidenciar como é o trabalho com a literatura. Não obstante, discutiremos sobre isso no último capítulo desse trabalho.

Dessa forma, a nossa pesquisa tem como ponto de partida a nossa vivência no ambiente escolar, como já dito, por meio do programa de iniciação à docência. Esse é um projeto do Governo Federal, que tem como intuito a aproximação da educação superior à educação básica através de alunos bolsistas de licenciaturas no ambiente escolar. O projeto prevê também bolsas para os professores da educação básica, para que atuem como supervisores do projeto e, dessa maneira, auxiliar o aluno de licenciatura na escola. Em linhas gerais, o projeto PIBID contempla bolsas para o estudante de licenciatura, professor da educação básica e um professor do ensino como o coordenador do subprojeto

Portanto, temos o projeto oficial do PIBID, que objetiva também ajudar a melhorar o rendimento escolar em escolas públicas com o IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica) abaixo da média 4,4. Sendo assim, o subprojeto que foi escrito por professores do departamento de Licenciatura em Letras, da Universidade do Estado de Mato - Grosso, Campus universitário de

Pontes e Lacerda, tem como título “Políticas de qualificação em curso para a educação básica: ensino fundamental e médio”.

Este subprojeto do Departamento de Letras tem como foco a inserção do graduando na vivência escolar, ou seja, é uma forma de qualificar o acadêmico no seu futuro ambiente de trabalho, sendo que, muitas vezes o aluno do curso de Letras termina a sua graduação e não sabe o que fazer com o seu diploma, pois os estágios curriculares supervisionados não dão conta de inserir o aluno nas diferentes práticas do docente da educação básica, visto que geralmente os estágios priorizam muito o aluno lecionando, não se preocupam com o futuro desse profissional, os resultados desses estágios são somente avaliativos, aptos para a profissão ou não. Com isso, quem perde é o acadêmico que não tem oportunidade de participar efetivamente do universo escolar, já que escola não é somente sala de aula.

Diante disso, podemos dizer que o subprojeto PIBID contribui para a formação do acadêmico, pois o “projeto constitui-se espaço de interlocução entre os professores-pesquisadores da universidade, seus acadêmicos-orientandos e o docente da Educação Básica.” Cabe salientar que o enfoque deste subprojeto abrange as diversas áreas do curso de Letras, tais como: Língua Portuguesa, Língua Inglesa, Linguística e Literaturas, respeitadas, no entanto, em suas especificidades. Isto significa dizer que o acadêmico Bolsista pode escolher a área que deseja desenvolver a sua pesquisa na escola, sempre pautando nas necessidades da educação básica.

Como já evidenciado, nossa pesquisa no PIBID foi desenvolvida a partir da nossa vivência da prática docente, em que conhecemos a estrutura da escola, o documento que rege a escola, PPP - Projeto Político Pedagógico, Orientações Curriculares – Diversidades Educacionais, Orientações curriculares – área de linguagem e as regras de organização pedagógica.

O PPP é um documento que regulamenta e define a escola. Este projeto é escrito pelos coordenadores, diretores, professores e por toda a comunidade escolar. Há escolas em que os pais e alunos também participam de sua elaboração. Nele são propostos objetivos, metas, conteúdos, o perfil do

professor, o perfil do aluno, apresentando também os projetos que a escola possui

Conforme o Projeto Político Pedagógico do CEJA 6 de Agosto (2012, p. 156)

O PPP tem por objetivo a busca da melhoria da qualidade de ensino. O PPP busca um rumo, uma direção intencional, com sentido explícito, com um compromisso definido coletivamente. Deverá ser articulado ao compromisso sociopolítico com os interesses reais e coletivos da população majoritária.

Outro documento para a Educação de Jovens e adultos são as orientações curriculares. Na apresentação das Orientações Curriculares das Diversidades Educacionais é elucidado o seu objetivo: a contribuição da “redução das desigualdades educacionais, de forma a dar garantias das especificidades de aprendizagens (...) considerando a realidade (...) do povo mato-grossense” (2012, p.13)

Na OCDE também apresenta e discute sobre as Orientações Curriculares para Educação em Direitos Humanos, Gêneros e Diversidade Sexual, Orientações Curriculares de Educação Ambiental, Orientações Curriculares para Educação das Relações Etnicorraciais, Orientações Curriculares para Educação no Campo, Orientações Curriculares para Educação Escolar no Campo, Orientações Curriculares para Educação de Jovens e Adultos, Orientações Curriculares para Educação para EJA: Possibilidades e Especificidades Locais e Orientações Curriculares para Educação Escolar Indígena.

Já as Orientações Curriculares da área de linguagens da educação básica (2012) aborda as áreas de linguagens que abrangem: Artes, Educação Física, Língua Inglesa, Língua Espanhola e Língua Portuguesa. Assim como as

Orientações Curriculares das Diversidades Educacionais (2012), as Orientações Curriculares da área de linguagens também têm que ser adaptadas de acordo com as necessidades de cada realidade escolar. Iremos discutir sobre as orientações curriculares no capítulo II. Nosso foco, neste momento, será o Centro Educacional de Jovens e Adultos – CEJA 6 de Agosto.

1. Centro Educacional de Jovens e Adultos – CEJA

Com o redimensionamento vigorado no ano de 2009, a Escola Estadual de 1º e 2º grau 6 de Agosto transformou-se em CEJA 6 de Agosto - Centro de Educação de Jovens e Adultos. Conforme Orientações Curriculares das Diversidades Educacionais (2012, p.212)

O redimensionamento, portanto, visa subsidiar a implantação de uma política permanente de atendimento de jovens e adultos não-escolarizados, segundo suas especificidades culturais, de vida, trabalho, local de moradia, etc.

É importante elucidar que a EJA (Educação de Jovens e Adultos) era trabalhada no município de Pontes e Lacerda em outras instituições estaduais. Porém, com a sede do Centro de Educação de Jovens e Adultos na cidade houve várias mudanças no atendimento ao educando.

Vale ressaltar que o atendimento torna-se mais amplo, pois no ensino fundamental (5ª até 8ª série) qualquer educando com 14 anos poderia ser aceito no CEJA e para o ingresso no ensino médio o aluno deveria ter 18 anos. Não podemos esquecer que neste ano a escola estava passando por processo de adaptação, com mudanças em cargas horárias, em segmentos e no processo de avaliação.

Neste momento, extinguem-se as notas, e os estudantes passam a ser avaliados pela assiduidade, comportamento e compreensão do conteúdo, ou melhor, o educando era aprovado, retido ou em construção ¹ (alunos matriculados em ME ou estudantes que vinham de outra instituição educacional). Já em 2010, o Centro começa a atender de acordo com as normativas e leis educacionais, isto é, para o ingresso do aluno no ensino

¹ME – Matrícula extraordinária: é aquela efetivada fora da época determinada pela escola, e tem a finalidade de reintegrar no processo de escolarização os alunos com idade escolar que se encontram fora da escola, pela impossibilidade de terem sido matriculados na época determinada - Resolução 150-99 -CEE-MT artigos 22 e 23.

fundamental era necessário o educando ter 15 anos completos e, para o ensino médio, 18 anos.

É importante enfatizar que na ROPS (Regras de Orientações Pedagógicas) ocorre sempre alguma alteração no final de cada ano letivo, aprimorando cada vez mais o método correto a ser trabalhado com os educadores e educandos, tudo conforme as leis educacionais.

Atualmente, o CEJA 6 de Agosto é especializado em atender um público alvo específico de jovens e adultos. Geralmente, esses estudantes são trabalhadores que não tiveram oportunidade de estudar ou jovens que estão com os estudos atrasados. De acordo com Projeto Político Pedagógico (2012, p.95)

A educação de jovens e adultos é entendida como formação do indivíduo para desenvolver suas capacidades e habilidades para o mundo de trabalho e as mesmas devem ser comprometidas com a realidade de cada um.

A partir desse fragmento, podemos notar que a escola adota a teoria de Paulo Freire (1998), em que deixa explícito que o professor deve partir da realidade e do conhecimento do aluno, pois os educandos do CEJA não chega na sala de aula vazio, pois eles trazem consigo um prévio conhecimento do mundo. Dessa forma, o autor enfatiza que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele”. (FREIRE 1998, p.20) Nesse trecho, fica evidente na teoria freiriana que a leitura da realidade é de suma importância para a leitura da palavra.

O que gostaríamos de adiantar, desde já, é que, ainda que seja de suma importância o trabalho com esta leitura de mundo prévia por parte do aluno como forma de aquisição da palavra escrita, acreditamos que seja necessário transcender os limites restritos dessa forma de ver o mundo, como a abertura a outros níveis de realidade e a expansão da visão histórica em que se encontra

o educando, o que geralmente não acontece, uma vez que o processo de ensino e aprendizagem é cerradamente voltado ao universo do trabalho e preso ao que, frequentemente, é denominado, nos documentos e cadernos do EJA, de “realidade do aluno”

Com base nas observações que fizemos durante nosso trabalho como bolsista do PIBID, foi possível perceber as inquietações de alguns professores em não dar somente a escolarização que é referente: preparar para exame, concurso, ENEM e proporcionar o conhecimento intelectual, além disso, eles se preocupam com a vivência do aluno no mundo e no mercado de trabalho.

Vale notar, ainda, que a oferta do ensino noturno no CEJA tenta adequar-se às condições do educando, pois como já ressaltamos, o Centro atende em sua grande maioria os trabalhadores. Observamos que a escola objetiva o aprendizado dos educandos, valendo-se dos conhecimentos por eles adquiridos ao longo da vida. Desta forma, o conhecimento sistematizado pelos educadores, a partir do que o aluno conhece, é construído todos os dias, cujo objetivo maior pauta-se nas necessidades específicas de cada aluno.

Em um estudo sobre a Educação de Jovens e Adultos, Moacir Gadotti (s/d, p.1), discorre sobre o perfil dos alunos desse estabelecimento de ensino, elucidando que

os jovens e adultos trabalhadores lutam para superar suas condições de vida (moradia, saúde, alimentação, transporte, emprego, etc) que estão na raiz do problema do analfabetismo. O desemprego, os baixos salários e as péssimas condições de vida comprometem o seu processo de alfabetização. Falamos de “jovens e adultos” referindo-nos à “educação de Jovens adultos”, porque aqueles que freqüentam os programas de educação de adultos, são majoritariamente os jovens trabalhadores.

Com isso podemos constatar novamente que o público alvo desta instituição de ensino são para pessoas que lutam por uma condição de vida melhor. Contudo, de alguma forma, a Economia Solidária (em seguida

explicitaremos o que realmente é a ES) que é inserida no currículo da EJA vem para contribuir com os estudantes. Até aqui, estamos tentando compreender esse tipo de formação educacional, para nos ater nesse assunto é possível consultar a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece (1996, p. 15)

Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames

Dentro desta perspectiva, podemos mais uma vez notar que o termo “trabalho” aparece destacando-se. Como afirmado acima, a economia solidaria faz parte do currículo do educando da EJA, pois como a LDB prevê, considerar as características do aluno é dizer que o estabelecimento de ensino deva partir da realidade do aluno. E se tem que ter como base a realidade do educando, a realidade dele será de alguma forma o trabalho e sua experiência de vida, pois, para esse tipo de ensino, o seu foco são os trabalhadores. Por isso, acredita-se que a economia solidária deve existir no seu currículo.

Diante disso, as Orientações Curriculares das Diversidades Educacionais (2012, p.228) afirma que o intuito da Economia Solidária (doravante ES) é apontar

possibilidades e alternativas a jovens e adultos estudantes, para enfrentar os desafios e competições existentes no capitalismo, inclusive a sobrevivência. O trabalho pedagógico com ênfase na ES permite, simultaneamente, a aquisição e a construção do conhecimento e a inserção do estudante no mundo do trabalho.

Nesse trecho podemos visualizar, primeiramente, que a formação do educando da EJA está voltada para o mercado de trabalho, a preocupação se instaura na medida em que o público alvo é formado por trabalhadores. Para não haver uma evasão escolar, os educadores tentam de toda forma manter o estudante focado nos seus estudos, de modo que haja um intercâmbio: escola e trabalho, trabalho e escola. Assim, a ideia é que o educando possa aproveitar e aplicar o que aprende na escola no mercado de trabalho.

Em se tratando ainda sobre a evasão escolar e mercado de trabalho, as Orientações do Estado de Mato Grosso elucida que

O trabalho, enquanto atividade econômica, é apontado pelas pesquisas que tratam da EJA como o principal responsável pela evasão escolar. E, mesmo quando se entenda economia solidária numa concepção restrita, a geração de emprego e renda, ela pode contribuir para que o estudante trabalhador permaneça na escola e concluir o curso (com sucesso).

Para contribuir com a geração de renda, o CEJA oferece, dentro da sua grade curricular, diversas oficinas que tem como intuito ajudar o aluno na inserção no mercado de trabalho. Nessas oficinas os alunos aprendem a produzir artesanatos como: potes para enfeites personalizados, vassouras feitas de garrafas pets, bonecas de lã entre outros.

Nesse ponto, podemos refletir a respeito do trabalho: se, por um lado, o trabalho tem sido uns dos motivos da evasão escolar, por outro lado, o trabalho também tem sido o motivo de alunos quererem dar sequência em seus estudos, visto que, no mundo atual, o mercado de trabalho exige um bom currículo escolar.

Sobre isso, as Orientações das Diversidades Educacionais diz que é sobre esse viés que a Economia Solidária deve ser implantada na EJA, seja enquanto possibilidade de geração de emprego e renda, seja quanto assunção de valores distintos aos do capitalismo, sempre respeitando a realidade do educando, para que assim haja a possibilidade de um aprendizado significativo.

Contudo, o que fica evidente é que na prática esses “valores distintos aos capitalismo” não são encontrados.

Em se tratando ainda sobre essa questão da Educação voltada ao mercado de trabalho, István Meszáros, em sua obra **A Educação para além do capital**, é bastante contundente em afirmar que “a educação não é um negócio, é criação. Que educação não deve qualificar para o mercado, mas para a vida” (JINKINGS, in: MESZÁROS, 2008, p,9). E sendo uma educação para a vida, não deve ter limites de anos, pois (MESZÁROS, p.74),

Uma concepção oposta e efetivamente articulada numa educação para além do capital não pode ser confinada a um limitado número de anos de vida dos indivíduos mas, devido a suas funções radicalmente mudadas, abarca-os a todos.

Dessa forma, percebemos que para o autor, a Educação deve ser continuada de acordo com o pensamento de Paracelso, “A aprendizagem é a nossa própria vida” (p.20). Em síntese, o que Meszáros (2008, p. 27) propõe é a superação da lógica do capital, ele ressalta que “é necessário romper com a lógica do capital se quisermos contemplar a criação de uma alternativa educacional significativamente diferente”. E ainda acrescenta que essa mudança na área da educação “equivale, portanto, a substituir as formas onipresentes e profundamente enraizadas de internalização mistificadora por uma alternativa concreta abrangente” (2008, p.47). Nessa educação, o foco deve ser o ser humano desvinculado do viés estritamente capitalista.

O Projeto Político Pedagógico (2012, p.95) do CEJA 6 de Agosto, ao discutir sobre o tema do aluno e o mercado de trabalho ressalta que

levamos em conta que uma vez esclarecidos de que na sociedade vigente em que o capitalismo transforma tudo em mercadoria, desvalorizando o conteúdo humanizador do produto. Nosso aluno precisa ter aguçado sua auto-estima, seus valores e o poder de transformação da natureza de maneira responsável e consciente, para que assim possa

identificar no seu trabalho os frutos de sua produção, ou seja, ir além da mera confecção e identificar a “ marca de sua mão” em tudo que o cerca e poder sentir-se produtivo, essa realidade é bem explícita no poema de Vinicius de Moraes , “ Operário em Construção”

“Em cada coisa que via notava a
marca da sua mão”

Notar sua mão em cada coisa é reconhecer sua importância, e não permitir ser massacrado pelo universo capitalista, que visa o lucro. Através do trecho citado, é possível dizer que (segundo o PPP) o aluno, ao reconhecer seus valores, poderá perceber o quão capaz ele é. E com isso, haverá a possibilidade de transformação.

Contudo, podemos dizer que segundo as orientações educacionais (2012), o trabalho, do ponto de vista da economia solidária, é uma forma de libertação humana, pois, em síntese auxilia a produção de conhecimento significativo. Dessa forma, “permite o entendimento deste trabalho como processo de democratização da economia e de alternativa à dimensão alienante” (2012, p.233).

Nesse capítulo o nosso enfoque foi o perfil da educação de Jovens e adultos e o perfil do educando. Agora, passaremos a conhecer como a literatura se dá nos documentos oficiais.

2. A Literatura como é contemplada nos documentos oficiais e nos programas do EJA.

O Centro de Educação de Jovens e Adultos 6 de Agosto desenvolveu o seu Projeto Político Pedagógico e em sua elaboração os professores, coordenadores, ou seja, a comunidade escolar participou efetivamente da sua produção.

Os conteúdos do Centro Educacional são organizados conforme as orientações das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica. Vale dizer que a matriz curricular da EJA no CEJA segue alguns princípios que favorecem a formação do educando para:

A- O exercício da vida cidadã por meio da articulação entre vários aspectos, tais como: saúde, sexualidade, vida familiar e social, meio ambiente, trabalho, ciência e tecnologia, cultura e linguagens.

B- As áreas do conhecimento. Compreendendo: as linguagens e suas tecnologias- Língua portuguesa, Língua estrangeira (inglês e espanhol), Ed. Artística e Ed. Física; Ciências naturais e suas tecnologias – Matemática, Ciências, Biologia, Física e Química e Ciências Humanas e suas Tecnologias – englobando as disciplinas Geografia, sociologia e Filosofia. (Projeto Político Pedagógico, 2012, p 44)

Dentro da disciplina de Língua Portuguesa se encaixam os conteúdos de literatura. Conforme o Projeto Político Pedagógico (2012) da escola, os conteúdos de literatura para o Ensino Médio devem ser:

- Arte literária e as outras artes
- História e literatura
- Os gêneros literários e os elementos/recursos que os compõem.
- Periodização e estilos de época da literatura brasileira: O quinhentismo brasileiro (literatura de informação), Barroco, Arcadismo, Romantismo, Realismo/Naturalismo, Parnasianismo, Simbolismo, vanguardas européias, Pré-modernismo, Modernismo, Pós-Modernismo.
- Os períodos literários e a relação com o período histórico, as artes e o cotidiano.

Os conteúdos programados pelo CEJA numa primeira ótica nos parecem muito interessantes. Porém, numa análise mais aprofundada, sentimos falta de uma coisa que consideramos superimportante para as aulas de literatura: podemos nos indagar como é possível ministrar aulas de literatura sem a leitura do texto literário.

Em nenhum trecho dos conteúdos aparece: LEITURA DO TEXTO LITERÁRIO E SUA INTERPRETAÇÃO. Todorov, em seu estudo **A literatura em perigo** (2010), afirma que o foco das aulas de literatura deveria ser o texto literário. São priorizadas muitas coisas alheias a ele e, assim, a leitura do texto literário acaba ficando em segundo plano (ou não existindo). O autor ressalta ainda que conhecer os fatos da história literária é útil, só que nada pode substituir “o sentido da obra, que é o seu fim”, enfatizando que “o sentido da obra não se resume ao juízo puramente subjetivo do aluno, mas diz respeito a um trabalho de conhecimento” (2010, p.31).

Além de não conter a previsão da leitura e interpretação de obras, o projeto político contempla uma série de abordagens do texto literário com pontos de vistas distintos sobre o texto literário, o que se torna contraditório, e isso se instaura numa espécie de exigência muito grande para o educando que se encontra no Ensino Médio.

Podemos considerar que os conteúdos programados no PPP se tornam muito complexos para o aluno da EJA, não por uma inaptidão deste público, obviamente, mas pela gama de abordagens que se contradizem e que tornam o estudo literário, para esta fase da formação, extremamente difícil, extenuante e vago. Há também a questão do tempo na grade curricular, pois no CEJA o ensino das disciplinas se dá por trimestres. O que queremos dizer com isso é que, por exemplo, o aluno terá que compreender (como prevê o PPP) a arte literária e as outras artes. Dito de outra forma, o aluno terá que entender o texto literário e qual a sua relação com a pintura, com o cinema e etc., sendo esta apenas uma parte do conteúdo a ser ministrado.

Depois, temos história e literatura, em que o educando terá que compreender a relação dos textos com seu contexto histórico. Já nos gêneros literários e os elementos/recursos que os compõem, o aluno da EJA vai precisar entender, por exemplo, o que é o conto, a crônica, o romance, e o que a obra de Machado de Assis tem de diferente da obra de José de Alencar, de Mario de Andrade, etc.

Até aqui, pudemos perceber que, realmente, os conteúdos são complexos para o educando do Ensino Médio da EJA. Mas não é somente isso: os conteúdos programados preveem também o estudo da periodização e estilos de época da literatura brasileira: O quinhentismo brasileiro (literatura de informação), Barroco, Arcadismo, Romantismo, Realismo/Naturalismo, Parnasianismo, Simbolismo, vanguarda européias, Pré-modernismo, Modernismo, Pós-Modernismo. E, por último, há a previsão de estudar os períodos literários e a relação com o período histórico, as artes e o cotidiano.

Convém salientar, mais uma vez, que a leitura do texto literário não faz parte dos conteúdos programados. No item abaixo, iremos ver o que dizem as orientações curriculares e, nesse ponto, podemos antecipar que as orientações vão enfatizar que o aluno precisa da leitura para, assim, poder ter uma experiência artística. Sem a leitura literária fica impossível tê-la. É nesse momento que podemos perceber as contradições dos documentos.

Essa contradição se instaura a partir do momento em que o PPP da escola não prevê a leitura de textos literários e a análise ou interpretação do texto, enquanto que as orientações curriculares as priorizam.

2.1 Orientações Curriculares

Nesse subitem discutiremos de forma mais específica o que dizem as orientações curriculares da Área de Linguagens para educação básica do estado de Mato Grosso (2012). As orientações curriculares servem para auxiliar o corpo docente no planejamento curricular das escolas. Assim, a partir desse momento, iremos conhecer o que as orientações regulamentam sobre o ensino e aprendizagem de Literatura na educação de jovens e adultos.

As orientações curriculares da Área de Linguagens para educação básica do estado de Mato Grosso (2012) apresentam a discussão sobre os conhecimentos de Literatura, e essa discussão engloba os seguintes temas: porque literatura hoje, ensinar Literatura? Perfil do professor; Perfil do estudante contemporâneo; Professor-leitor, estudante-leitor; Material de apoio para o professor; procedimentos metodológicos; Do estudo da produção literária na perspectiva da periodização; Do estudo da produção literária por temas e Avaliação.

O estudante só terá uma “experiência artística” se ele tiver contato e interagir com o texto literário. A partir do Projeto Político Pedagógico do CEJA 6 de Agosto, percebemos que não é contemplada a leitura na íntegra de obras ou textos literários, pois o seu foco são os trechos de obras e estudos através de períodos literários. Segundo as Orientações Curriculares da Área de Linguagens (doravante OCAL)(2012, p.105)

Uma “experiência” é uma situação vivida com começo, meio e fim, com a mente e o corpo, haja vista que é pelos sentidos que experimentamos o mundo e que o mundo nos experimenta. É nesses termos que se configura uma experiência de arte – leio a obra, penso sobre ela, recrio-a, a partir daquilo que sou, do que conheço, do que gosto, do que valorizo.

Dessa forma, visualizamos neste contexto a necessidade do aluno adentrar no universo da obra, isto é, que mergulhe na leitura. Sendo assim, o estudante ao começar a mergulhar no universo das letras construirá um percurso de leitura que permitirá ele ter experiência de arte. Todorov (2010, p.77) afirma que “a realidade que a literatura aspira compreender é, simplesmente, a experiência humana”, ou melhor, “a literatura faz viver experiências singulares”. Experiências essas que só são possíveis através do navegar no universo literário. Zilbermam (2008, p.33) em “Sim, a literatura educa” ressalta que

Compete hoje ao ensino da literatura não mais a transmissão de um patrimônio já constituído e consagrado, mas a responsabilidade pela formação do leitor. A execução dessa tarefa depende de se conceber a leitura não como o resultado satisfatório do processo de alfabetização e decodificação de matéria escrita, mas como atividade propiciadora de uma experiência única com o texto literário. A literatura se associa à leitura, do que advém a validade dessa.

Estes autores já citados ressaltam a importância do contato com o texto literário, de alguma forma enfatiza o papel humanizador da literatura, pois permitirá ao estudante vivenciar uma gama de experiências e construir sua própria identidade. Marisa Lajolo (2002, p. 15) no seu estudo “A leitura literária na escola” destaca que “ou o texto dá sentido ao mundo, ou ele não tem sentido nenhum”. Nesse mesmo viés, as OCAL (p.113) evidenciam sobre a falta de sentido da Literatura enquanto disciplina, pois o foco não é a leitura das obras.

Priorizam-se os fragmentos das obras (sobretudo como forma de preparação para o vestibular) em detrimento da leitura de obras inteiras; faz-se um resumo das características de cada

movimento literário, em seus temas e em seus aspectos formais, e tenta-se aplicá-la a obras enquadradas nesses momentos, perdendo de vista que as correntes estéticas são, elas mesmas, infiéis em suas propostas, seus autores não se prendem rigorosamente a preceitos, faz-se um resumo um resumo dos principais acontecimentos históricos e de postulados filosóficos de cada período, que ficam como informações adicionais, perdendo sua importância como fatores de influência em gerações inteiras.

Dessa forma, ao dar prioridade aos estudos dos movimentos literários, faz com que o aluno perca a possibilidade de ler as obras em si, ou seja, “o objetivo passa a ser o da compreensão da cronologia e não o de desenvolver o gosto de ler e interpretar as obras literárias” (2012, p. 113). Nesse ponto, cabe lembrar que é comum encontrarmos na escola alunos que não gostam de ler, pois desde pequenos não foram estimulados a ter o hábito de leitura, isso pode ser um problema para as aulas de literatura, as quais são baseadas na prática de leitura.

Outro fator de relevância a se observar é o material didático que o professor utiliza. Às vezes, o livro didático é o único suporte que o educador utiliza para ministrar suas aulas. Geralmente os LDs seguem um roteiro. Vejamos o roteiro que os livros didáticos seguem: primeiramente fragmentos de obras e em seguida fazem as atividades sugeridas. A esse respeito a OCAL (p.113,114) traz a afirmação de que “não se cogita que os autores desses livros são leitores que leram os textos literários, chegaram a algumas conclusões sobre ele e transformaram-nas em questões a ser respondidas. E o resultado dessas aulas acabam sendo precárias, pois se esses autores não são leitores de textos literários, como podem produzir atividades que contemplam a literatura.

Para prosseguir na discussão, urge discutir sobre um espaço muito importante na escola e para as aulas de literatura – a biblioteca. Às vezes, a situação das bibliotecas é precária por falta de obras ou por falta de espaço para guardar os livros e para os alunos transitarem.

Com base na nossa vivência no ambiente escolar, na escola CEJA 6 de Agosto, percebemos que há obras interessantes, só que o ambiente físico é pequeno e não há como ter movimentação dos alunos nela. Segundo as orientações curriculares (2012, p.109)

A escola, por sua vez, deve incorporar o conceito de biblioteca – espaço permanente de alcance do livro – e desenvolver um sistema educacional que exija do poder público uma biblioteca em cada unidade escolar e em outros espaços para acesso do público em geral, com bibliotecários graduados – e não readaptados-, e ampliação periódica de acervo por meio da incorporação de orçamentos para essa finalidade, que devem ser equiparados ao do orçamento do livro didático.

E evidenciado, então, o importante papel da escola em relação a biblioteca, cabe dizer que geralmente não encontramos essa realidade. Têm se a biblioteca, porém não é utilizada e nem procurada pelos alunos por diversos motivos, seja por falta de estímulo do professor, seja por falta de bibliotecários, seja por falta de espaço.

Dessa forma, fica complexo o trabalho com a literatura na escola. Dentro dessa perspectiva, a OCAL enfatiza sobre a mediação do professor com o texto literário, destacando que o professor só “conseguirá fazer essa mediação com a literatura na medida em que se consolidar como leitor, aspecto integrante de sua formação”. Magalhães em “Entre as velhas e as novas crises da leitura” (2010) enfatiza que ninguém forma aquilo que não é. Como um professor deseja formar leitores, sendo que o mesmo não o é?

Diante disso, as orientações (2012, p.105) ainda ressaltam que, para o docente viabilizar “a participação em uma experiência artística pelo estudante, é preciso conhecê-los, ao professor e ao estudante”. No próximo capítulo, nosso enfoque será os autores e críticos do ensino da Literatura, em que veremos como cada um pensa o ensino e aprendizagem dela.

3 .Considerações sobre o ensino da Literatura.

A Literatura e seu ensino tiveram, até as décadas iniciais do século XX, um papel central na instituição escolar. Regina Zilberman em **Que literatura para escola? Que escola para a literatura** (2009) afirma que desde os gregos, o aspecto formador do texto literário sempre foi evidenciado, mesmo o objetivo não sendo formar leitores e nem apreciadores da literatura, o resultado acabava sendo esse, pois era preciso conhecer e dominar esse gênero, sendo que ele era o mais próximo da linguagem verbal e para a utilização dele foi estabelecido pelos poetas um modelo para sua aplicação.

Contudo, o que se observa nas últimas décadas é uma ausência cada vez maior do estudo do texto literário *enquanto literatura*. Meira (2010, p.8), ao comentar o estudo de Todorov afirma que “o perigo que hoje ronda a literatura é o oposto: o de [o texto literário] não ter poder algum, o de não participar da formação cultural do indivíduo, do cidadão”. Dessa forma, é ressaltada a falta de contato dos alunos do ensino médio com o texto literário, pois muitas vezes os professores trabalham com a literatura que é apresentada pelo livro didático através dos períodos literários e de seus aspectos formais, deixando assim de entrar em contato realmente com a leitura das obras literárias, restando apenas um trabalho superficial com fragmentos delas.

Obviamente, não podemos descartar que a seleção dos textos literários para a realização da leitura faz toda a diferença, ou seja, o professor precisa conhecer o perfil dos alunos e, então, levar textos pelos quais eles vão se interessar. No entanto, não podemos culpar o aluno pela sua dificuldade na leitura, pois de algum modo a leitura não se aprende no imediatismo, trata-se de um longo processo relacionado à produção do conhecimento, que demanda um tempo para tornar-se rotina na vida do aluno.

Antonio Cândido (1995) afirma que a literatura deve ser um direito de todos os seres humanos, ressaltando que “a literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e portanto nos humaniza” (p. 256). Sendo assim, para Cândido o papel da literatura será de humanizar.

Meira (in: Todorov, 2010, p.11) enfatiza que

Se o texto literário não puder nos mostrar outros mundos e outras vidas, se a ficção ou a poesia não tiverem mais o poder de enriquecer a vida e o pensamento, então teremos que concordar com Todorov e dizer que, de fato, a literatura está em perigo.

Dentro desta perspectiva é interessante salientar que entre a literatura e o mundo devem ter uma relação. Por esse viés, a literatura não ilustra o social, o político, embora esses aspectos ajudem a compreendê-la. E sobre esta ótica Todorov (2010, p.22) ressalta que “a literatura não nasce no vazio, mas no centro de um conjunto de discursos vivos”.

No tocante a este ponto, podemos enfatizar que vários profissionais da educação acreditam cegamente que a literatura nada tem a haver com a realidade, por isso acabam não conseguindo estabelecer nenhum sentido para o texto literário e, deste modo, não conseguem se desvincular do livro didático.

Um fato de grande importância que merece ser lembrado é a atual situação do nosso sistema educacional, pois, após o redimensionamento ocorrido em 2009, cada escola ficou responsável em atender somente um tipo de público. Com isso, os livros do Centro Educacional de Jovens e Adultos se diferem dos livros das escolas que atendem ao Ensino Fundamental e Ensino Médio.

Se considerarmos que os livros são distintos, podemos indagar: Que tipo de cidadão esses livros visam formar? Formar bons leitores ou somente o homem para o mercado de trabalho? Diante disso, é possível enfatizar que há uma relação difícil entre o livro didático e a literatura, uma vez que o LD se tornou um obstáculo para formar os leitores que estamos querendo, pois ele não produz leitores literários de fato.

Diante de tais indagações, é possível evidenciar que o ensino ofertado no CEJA está direcionado a contribuir para o aluno e aluna das classes EJA uma inserção no mundo do capitalismo, mas é importante ressaltar que o

intuito não deve ser somente este. Porém, como este estabelecimento de ensino parte da realidade dos educandos, fica deste modo evidenciado que os estudantes não teriam tempo necessário para dedicar a leitura de textos literários fora do contexto escolar.

Se o professor se propuser a trabalhar com textos literários e deixar de lado o livro didático, poderá fazer grandes descobertas, pois nesse gesto tanto o professor pode ensinar como também pode aprender. Segundo Egon de Oliveira Rangel (2007, p. 138) o texto literário é

indispensável para o ensino/aprendizagem de leitura e, evidentemente, para a formação do gosto literário, direito de todo e qualquer cidadão... Não se trata apenas de incluí-lo na programação cotidiana, mas de lhe dar o devido destaque cultural e pedagógico.

Com base nesse fragmento, enfatizamos que o docente precisa partilhar sua experiência de leitor e seu conhecimento literário, para o aluno se tornar um bom leitor o professor também precisa sê-lo. Dessa maneira, Epaminondas Magalhães (2010, p.9) afirma que “a formação de leitores, independente dos suportes, deve ser motivada por alguém que seja leitor, e deve propiciar o prazer na e da leitura.” E quando o material literário fizer sentido para o estudante, ele passará a apreciar a arte literária.

Nesse ponto, cabe destacar qual é o papel da literatura para alguns autores. Para Todorov (2010, p. 24) a literatura exerce um processo de humanização, que pode nos ajudar a entender a vida. Segundo o autor,

Somos todos feitos do que os outros seres humanos nos dão: primeiro nossos pais, depois aqueles que nos cercam; a literatura abre ao infinito essa possibilidade de interação com os outros e, por isso, nos enriquece infinitamente. Ela nos proporciona sensações insubstituíveis que fazem o mundo real se tornar mais pleno de sentido e mais belo. Longe de ser um simples entretenimento, uma distração reservada às pessoas

educadas, ela permite que cada um responda melhor à sua vocação de ser humano.

Cândido (1988, p. 244-245) acredita também que a literatura tem um perfil humanizador, ou seja, o mundo literário é capaz de transformar a vida e fazer o ser humano viver e não apenas vegetar. Ele afirma que a literatura “*não corrompe nem edifica*, portanto; mas, trazendo livremente em si o que chamamos o bem e o que chamamos o mal, humaniza em sentido profundo, porque faz viver”. Nos faz viver, porque a literatura não está dissociada do real, ela nos ajuda a resolver os problemas da vida, a ter uma visão pertinente do universo, pois “ a literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante.” (p.245)

Em se tratando de literatura, cabe ainda dizer que o ensino de literatura tem sido alvo de vários estudos, debates e palestras. Esse tema tem provocado varias reflexões e gerando cada vez mais uma única certeza: só se ensina literatura, lendo literatura. Paulo Franchetti em um estudo denominado **Ensinar literatura para quê?** (2009) coloca inicialmente duas questões básicas para serem discutidas. A primeira questão é: “o que se ensina quando se ensina literatura?”

Antes de partir para a segunda questão cabe aqui dizer que nessa questão o foco está voltado para o professor, ou seja, o professor precisa selecionar materiais que contemplará o todo das aulas de literatura. Como Todorov (2010) já afirmava, a literatura deve assumir a parte central dessas aulas e não a parte periférica. Assumir a parte central significa dizer que o objetivo deve ser obras e textos literários, uma vez que é comum o professor utilizar textos literários para estudar gramática. O que se tem claro nessa indagação é que o professor deve cumprir e exercer o seu papel, para que assim as aulas direcionadas à literatura não sejam prejudicadas e nem entrem em perigo.

A segunda questão que Franchetti destaca é: “O que se aprende quando se ensina literatura?” Nessa última questão, o foco é direcionado ao aluno, mas dentro desse viés, podemos ressaltar que o aluno fica dependente do professor, pois não há como ele aprender aquilo que não se é trabalhado em sala de aula. De qualquer modo, o ensino e aprendizado de literatura não se fazem somente pelo professor ou somente pelo aluno, pois, se o professor propuser a trabalhar com textos literários o aluno precisa cooperar realizando as leituras necessárias. Isto é o educador necessita demonstrar “interesse próprio da arte literária, suficiente para justificar o seu ensino, como o interesse da música ou da pintura” (2009, p.1).

Ao dar sequência no texto, Franchetti esclarece que há várias respostas para as duas questões propostas, e dessa maneira fala sobre a importância da literatura:

Para que a literatura mereça ser objeto de um grande investimento social, como é a sua inserção no currículo escolar, é preciso que ela tenha um diferencial, enquanto forma de conhecimento ou elemento formativo do cidadão. Ou seja, é preciso acreditar que uma pessoa educada na literatura obtenha uma perspectiva e uma formação que não seja dada integralmente pelo estudo de nenhuma das outras disciplinas, nem pelo conjunto delas. (2009, p.2)

Esse trecho nos mostra que o papel da literatura no currículo escolar não deve estar lá somente por estar. O trabalho com a arte literária não pode ser de qualquer jeito, ele tem que ser distinto de outras disciplinas. Conforme Franchetti, “é preciso que ela tenha um diferencial, enquanto forma de conhecimento ou elemento formativo do cidadão”. Nesse ponto, vale ainda ressaltar que nenhum conhecimento adquirido por todas as outras disciplinas dispensa o conhecimento adquirido com o ensino de literatura, pois cada disciplina tem as suas especificidades. Sobre isso, o autor salienta que “ler um romance ou um poema ou uma peça de teatro é mais que obter conhecimento

objetivo” (2009, p.2). Sendo assim, podemos notar a enorme importância da literatura no currículo escolar.

Quando falamos em literatura também estamos falando de leitura e leitor. Ler não é somente o ato de passar os olhos pelas letras. A leitura literária exige muito mais que isso. Para o autor, (2009, p.3)

O processo da leitura promove um deslocamento da perspectiva, um entregar-se a tudo que se move no texto, que é o que faz da literatura uma arte e não uma ciência(...) Esse deslocamento, esse mergulhar no texto, na vivência dos sentimentos e das paixões que ele expõe, faz da literatura uma forma eficaz de convencimento, de moldagem de opiniões...

Franchetti evidencia nesse trecho que é necessário haver uma entrega, um navegar no texto literário. Também, conforme Umberto Eco (em Seis passeios pelo bosque da ficção), o texto fornece vários caminhos para o leitor trilhar, caberá somente a ele fazer as devidas escolhas e mergulhar no universo da ficção. Desta forma, quando nós, enquanto leitores, temos a iniciativa de ler um romance, ficamos à disposição dos personagens e temos que fazer escolhas. Eco destaca as reflexões que um leitor deve ter perante uma ficção: “Devo embrenhar-me por esse caminho? Mas a conclusão que me espera não será demasiado óbvia? (...)” (ECO, 1994, p.39) Qualquer detalhe textual terá um sentido, pois nada está na obra por acaso. Sendo que é a partir da arte da palavra que o leitor passara a ter deleite.

Ainda Eco afirma que a escrita é “como modelo de todo processo real... e mesmo como única realidade cognoscível... ou ainda a única realidade *tout court*...” (1994, p.39) Já Franchetti (2009, p.3) também acredita que a literatura apoia-se na escrita e na palavra, dessa forma, ele salienta que

Por depender somente da palavra, a literatura, na verdade, tem uma força que as artes combinadas não possuem. Ela abre um espaço enorme à projeção do leitor. De fato, tudo depende da sua imaginação: a forma de um rosto, por mais pormenorizadamente descrita que seja, é uma para cada leitor.

Estes autores nos remetem a pensar na força da palavra, sendo que é a partir dela que nós, enquanto leitores, formamos sentido para a obra e damos “vida, corpo e voz” para os personagens. O interessante é que cada leitor lê um personagem, uma situação literária, de maneira distinta, pois cada um tem uma experiência de leitura que o faz tirar conclusões diferentes. Contudo, Franchetti nos adverte que “não é fácil dominar o conjunto complexo de habilidades que permite ao leitor ter pleno acesso ao prazer e a emoção que um bom livro pode dar” (2009, p.5). E, sobre essa ótica, que o deleite da literatura não nasce (ou não está) no vazio, pois abrange vários aspectos para que o sentido da obra não seja equivocado. Sendo que “uma obra solta no tempo não tem significação literária, no sentido que damos a palavra hoje”. (p.5)

Então, nesse ponto, o que podemos observar é que um dos aspectos que ajudará o leitor a compreender a obra é o passado – ele não está morto, “ele é sempre vivificado pelo presente” (2009, p.6), partindo do princípio de que o passado, a tradição, a continuidade são elementos essenciais para a compreensão da literatura. Regina Zilberman em **Que literatura para a escola? Que escola para a Literatura?** (2009) também considera importante o passado, ela destaca que

O novo panorama escolar, vigente até os dias de hoje, caracteriza-se pela ruptura com a história do ensino da literatura, porque se dirige a uma clientela para a qual a tradição representa pouco, já que aquela provém de grupos aos quais não pertence e com os quais não se identifica. (p.15)

O que temos claro é que o passado, a história é demasiadamente importante para o ensino de literatura, pois não se pode separar o passado dos textos literários. Sendo assim, “a literatura fala pelo passado e faz o passado falar pelo presente” (Franchetti, 2009, p.7). Nesse sentido, podemos ressaltar que para os estudantes o passado se torna chato, entediante, pois muitas vezes essa clientela não consegue estabelecer uma relação do passado com o presente (ou com a obra que está sendo lida). Estabelecê-la plenamente é a especificidade da disciplina literária, algo que nenhuma outra consegue realizar em profundidade.

Para concluir seu estudo, Franchetti fala como a literatura não deve ser ensinada pelos professores, ressaltando que ela não deve ser como as demais disciplinas, “como história, como sociologia, como linguística, como geografia, como política, como economia”, porém ela “pode ser usada para ensinar todas essas coisas mas quem estuda isso não estuda, a rigor, a literatura.” (idem, p.8) Por fim, ele confirma que a “literatura não deve ser ensinada como um mundo fechado, de um ponto de vista classificatório, como se ensina a classificação dos insetos em biologia” (idem, p.8). Para ele, a literatura deve ser ensinada de forma que o leitor “torne-se um herdeiro desse manancial”, isto significa que o aluno-leitor poderá ter a capacidade de “vivenciar em sim mesmo o passado” (idem, p.7).

As reflexões aqui apresentadas sugerem que não há como haver “ensino e aprendizagem” de literatura se o texto literário não for a base das aulas. Todos os autores que citamos explicitam de sua maneira a importância do texto literário. Zilberman (2009) focaliza que no passado, mesmo o objetivo das aulas de literatura não era formar leitores, o resultado acabava sendo este. Todorov e Candido compartilham o mesmo pensamento. Candido vai dizer que a literatura é um direito do ser humano e que se esse direito for negado pode chegar a mutilar o ser. E Todorov ressalta que é a partir da literatura que o ser humano pode viver experiências artísticas. Para Franchetti a literatura tem a capacidade de nos vincular ao passado e fazer o passado falar por nós através da sua projeção no futuro, isso é “uma das formas de tornar o presente menos prisioneiro de si mesmo e da dose de cegueira que acomete cada época, quando olha para si mesma (2009, p.9)”. Para ambos a literatura faz viver.

Após essas considerações sobre o ensino de literatura, agora iremos conhecer o material didático que é direcionado a Educação de Jovens e adultos (CEJA) 6 de Agosto e observar como esse material trabalha os textos literários.

4. Cadernos de EJA: como o material didático concebe o texto literário.

Ao pensar na educação de Jovens e Adultos - EJA, logo sabemos que essa modalidade de ensino é distinta das outras e para que essa diferença aconteça à escola adota a teoria freireana que afirmar que a educação deve partir primeiramente da realidade do aluno, alegando que a educação “deveria vir carregada da significação de sua experiência existencial (do educando) e não da experiência do educador” (FREIRE, 1988, p.20).

Para que esse ensino seja realmente diferenciado a escola também exerce mecanismos e exercer métodos para realizar seu objetivo com sucesso. Para desenvolver o trabalho em sala de aula, o professor tem total autonomia para escolher o material que ele considera plausível para sua metodologia.

Os professores da área de linguagem, especificamente o professor da disciplina de Língua Portuguesa tem ao seu dispor na biblioteca livros didáticos e uma diversidade de livros literários. Além desses materiais, o Centro Educacional de Jovens e adultos 6 de Agosto possuem materiais de apoio para os professores que são os “Cadernos de EJA”.

Nesse ponto consideramos pertinente abrir um parêntese e fazer um pequeno relato de algumas observações que foram realizadas no CEJA na disciplina de português. O relato abaixo é importante para demonstrar que o professor não utiliza somente os materiais didáticos que a escola oferece e para transparecer a autonomia do professor para trabalhar em sala de aula o que considera interessante para seus alunos.

A observação foi realizada no período noturno no CEJA com uma turma do segundo ano do ensino médio. O professor nesse dia trabalhou com um texto informativo com tema universal para que os alunos possam conseguir discutir e se interessar pelo tema apresentado. O texto desenvolvido foi **Aborto no Brasil** (autor desconhecido), com esse texto o professor trabalhou a leitura coletiva e em seguida ela direcionou a fazer comentários sobre o aborto, sendo assim vários alunos discutiam dando sua opinião sobre o tema. Na sequência,

o professor pediu como atividade: “Faça um texto argumentativo. Você é contra ou a favor do aborto? Justifique!”

Ainda com base nesse relato queremos deixar cristalizado que não pensamos que trabalhar com EJA é só trabalhar com os livros didáticos e exclusivamente com os “Cadernos de EJA”. Sabemos que o professor pode e deve explorar os conteúdos de diversas maneiras. Dito isso, vale enfatizar que “Os cadernos de EJA” é uma coleção voltada exclusivamente para essa modalidade de ensino e é preparada por instituições educacionais como a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade – SECAD.

Então, dessa maneira o nosso objetivo é analisar os “Cadernos da EJA”, mas com o foco direcionado ao ensino de literatura, ou seja, pode ser que a História, Artes, Geografia, Português e as outras disciplinas são bem trabalhados em sala de aula. Porém, queremos deixar explícito que o que nos interessa nesse material são os textos literários. E vale ressaltar que também não é nossa questão o como esse textos são desenvolvidos em sala. Nossa preocupação se instaura exclusivamente como o texto literário. Assim, o nosso recorte nesse material é mais direcionado para literatura, ou seja, como iremos pensar o texto literário a partir dos cadernos.

Os cadernos de EJA é um material de apoio direcionado para o professor e para o aluno. Essa coleção é constituída por 26 cadernos que são 13 para o professor e 13 para o aluno. Vale dizer que o caderno do professor é distinto do aluno.

No caderno do aluno é apresentado fragmento de jornal, romance, poema, letras de canção da MPB e receitas de comidas. Já no caderno do professor, aparecem sugestões de atividades e de trabalho com os textos do caderno do aluno.

No caderno do aluno podemos perceber um emaranhado de textos de diferentes gêneros e já no caderno do professor não aparece a literatura, isto é, em nenhuma proposta surge sugestões para a área de literatura, mas logo iremos dissecar esse assunto melhor.

.O material didático direcionado ao Centro Educacional de Jovens e Adultos 6 de Agosto se destaca por ser o seu foco o Trabalho. Nessa modalidade, o ensino é pautado a partir da realidade do aluno. Tem se a idéia que os estudantes são jovens, adultos e idosos trabalhadores os quais conciliam estudo e trabalho.

A coleção de cadernos EJA é composta pelos seguintes temas:

- ✓ Cultura e Trabalho
- ✓ Diversidades e Trabalho
- ✓ Economia Solidária e Trabalho
- ✓ Emprego e trabalho
- ✓ Globalização e trabalho
- ✓ Juventude e Trabalho
- ✓ Mulher e Trabalho
- ✓ Meio ambiente e Trabalho
- ✓ Qualidade de Vida, Consumo e Trabalho
- ✓ Saúde e Trabalho
- ✓ Tecnologia e Trabalho
- ✓ Tempo livre e Trabalho
- ✓ Trabalho no Campo

Ao observamos os temas é possível perceber o que se destaca é termo “trabalho”. Nesse ponto, cabe aqui (re) lembrar que um dos objetivos da Educação de Jovens e Adultos é preparar o estudante para o mercado de trabalho e mantê-lo sua permanência nesse universo capitalista. De certa forma, o trabalho acaba sendo a estrutura, ficando cristalizado que o objetivo desse caderno e a orientação dada por esses cadernos tende ao mercado de trabalho.

Entre os treze temas, escolhemos para o nosso recorte dois temas que acreditamos estar mais voltado para a literatura. O primeiro tema selecionado para analisarmos é “Cultura e Trabalho” e o segundo que optamos é “Tempo livre e Trabalho”. Sendo assim, podemos partir para o nosso primeiro tema.

No caderno Cultura e Trabalho do aluno, observamos textos informativos, trechos de livros, fragmentos de poesias, receitas e texto em inglês. Entre essa diversidade de textos elegemos dois textos para observarmos como é desenvolvido esse material. O primeiro é o texto 7 que é denominado “Um canto às ocupações” e o outro é o texto 17 nomeado “Vidas secas”.

“Um canto às ocupações” é um poema de Walt Whitman, ele era um poeta norte-americano o qual também era considerado o “pai dos versos livres”. Nesse poema o autor faz um canto às ocupações, pois o poeta inicia falando que na área dos negócios e das máquinas ele enxerga grandes progressos e encontra eternos significados. Dessa forma, podemos visualizar que a todo o momento o eu - poético indaga o leitor (que nesse caso o leitor modelo seria os alunos trabalhadores). Vejamos: “fosse eu feito o patrão/ lhes dando emprego e salário/ - isso faria vocês satisfeitos?”.

Dessa maneira, podemos dizer que esse poema é uma forma dos alunos trabalhadores refletirem o seu lugar na sociedade e no mercado de trabalho. Verificamos isso nos próximos versos. “O que é que tem pensado de si mesmos?/ Ou serão por acaso/ Os que menos têm pensado em si mesmos?/ Serão vocês os que julgam o presidente/ Maior do que vocês?” Essas indagações nos sugerem que o trabalhador é igual a todos e que eles não devem se sentirem menor do que ninguém.

Após essa breve apresentação da poesia, nos atentaremos para o caderno do professor para o qual iremos conhecer a sugestão de como esse poema será desenvolvido em sala de aula. No primeiro momento, verificamos que a sugestão de trabalho não é voltada para área de Português e muito menos para área de Literatura. No caderno do professor há duas sugestões de área: Ciências e Educação Física.

Agora iremos conhecer o plano de aula da área de Ciências que tem como título “Reflexões múltiplas em espelhos planos”. Os objetivos são: “Identificar os efeitos das reflexões múltiplas” e “explorar o numero de imagens em reflexões múltiplas, utilizando espelhos planos”. (S/D, p.36) Na sequência, teremos a introdução:

A partir do texto de W. Whitman é possível perceber várias propostas de simetria entre o autor e as pessoas e os seus atos. Nesse sentido, o texto suscita uma analogia com o fenômeno da formação de múltiplas imagens decorrente da interação de dois espelhos planos com a luz.

É possível observar em destaque o Contexto no mundo do trabalho. Vejamos:

Esse fenômeno físico possibilita uma fruição estética (pela beleza da simetria que se reproduz) e uma demonstração de princípios de reflexão como propagação retilínea da luz no ar e a simetria entre o objeto e a imagem em relação ao plano de espelho. Esse princípio é usado, por exemplo, na fabricação de caleidoscópios.

O próximo passo do plano de aula é a descrição da atividade, materiais indicados, resultados esperados e dicas do professor. O resultado dessa atividade é que os alunos calculam “o número de imagens obtidas, se colocarmos os espelhos com um ângulo de 36° e de 72° .” (S/D, p.36)

Em um segundo momento, teremos o plano de aula da área de Educação Física que é intitulado “Consciência corporal”. O objetivo é “experienciar as diferentes maneiras de combate ao estresse que estimulam um conhecimento mais profundo do seu corpo, e um entrosamento maior com a comunidade.” (S/D, p.37)

Já na introdução é feito uma pequena análise do poema baseada nos preceitos da Educação Física:

O texto traz, em forma de poema, reflexões sobre as contradições da vida, as ocupações de cada sujeito, de um lado, padrões com o poder, e do outro, empregados sujeitos ao patrão, os “eruditos e outros sábios”, os “ricos e os pobres”, “os doutores” e os analfabetos, ou seja, de um lado poucos com fartura e do outro lado muitos com nada. A união, as atividades comunitárias, o lazer, o cuidar do outro são recursos que a Educação física oferece e que possibilitam amenizar o distanciamento entre pessoas. (S/D, p.37)

Ainda no planejamento encontramos o “Contexto no mundo do trabalho” em que a atividade se baseia em proporcionar “reflexão sobre a melhoria da qualidade de vida por meio de intencionalidade dos movimentos, que combate o estresse. O resultado dessa metodologia é que os alunos “produzam um pequeno texto” sobre a experiência de ajudar o outro nos exercícios.

Nesse ponto vale enfatizar que os planos de aula seguem (quase) sempre o mesmo esquema:

1. Área
2. Título do plano de aula
3. Objetivos
4. Introdução
5. Contexto no mundo do trabalho
6. Descrição da atividade
7. Materiais indicados
8. Resultados esperados
9. Dicas do professor

No texto 17 (S/D, p.42 e 43) **Vidas Secas** são divididas em duas partes. Na primeira parte, é ressaltado sobre a vida do autor Graciliano Ramos (em uma espécie de biografia). Na segunda parte, é apresentado um trecho do livro em que trata o momento da fuga da família de Fabiano da seca.

No caderno do professor verificamos que há quatro sugestões de trabalho nas áreas de Artes, Ciências, Geografia e Português. Na área de Artes, o título do planejamento de aula é “Dança-Teatro”. Os dois objetivos são: “pesquisar movimentos para a criação de cena e criar uma cena de teatro”. Geralmente, na introdução é realizada uma análise do texto do caderno do aluno ou uma explicação da descrição da atividade.

Se a dança, convencionalmente, é caracterizada pelo movimento acompanhado de música e o teatro, pela palavra e pela narrativa, a dança-teatro é uma forma de arte baseada na combinação entre eles. Ela utiliza desde o movimento cotidiano (abrir uma porta, acender o fogo), até o abstrato, em uma construção narrativa que pode ou não se acompanhar de música. (S/D, p.69)

Nesse plano de aula não há o contexto no mundo do trabalho, passando logo para a descrição da atividade. A forma de trabalhar com esse texto é a seguinte: o aluno, após ler o texto Vidas Secas terá que sublinhar trechos que acharam interessante e depois transformar esse trecho em uma cena, tendo que desenvolver sentimentos e movimentos que trecho escolhido exige. E assim, o aluno terá que ensaiar e apresentar para a turma e no fim terá uma discussão “tendo por foco a pesquisa de movimentos.” (S/D, p.69)

Em Ciências, o título do plano de aula é “O açude” e tem como foco “reconhecer a importância dos açudes para a população do semi-árido” e “identificar condições físicas necessárias para a construção de açudes”. Na introdução, explica o que é um açude e ainda fala da sua importância nas regiões nordestinas. Geralmente, é o governo que constrói os maiores açudes para fornecer água nas regiões secas.

Na descrição de atividade, os alunos terão que construir açudes artificiais em dois tipos de terrenos (tipo cristalino e sedimentar). O objetivo final dessa atividade será que os alunos terão que fazer observação nos dois tipos de

terrenos “sobre o volume de água represado... Fazendo comparações com a construção de um açude no terreno semi-árido nordestino.” (S/D, p.70) Nessa sugestão de trabalho, também não contém o “contexto no mundo do trabalho”, restando os materiais indicados, resultados esperados e dicas do Professor.

Na área de Geografia, temos o título “Cabra marcado para viver” e os objetivos são: “identificar onde se passa a história narrada no texto a partir das características do local e das pessoas” e “estudar as condições de vida do povo do sertão do Nordeste marcadas pela fome e miséria”. Na introdução, o destaque é sobre os modos de dizeres do Nordeste. Vejamos: (S/D, p,71)

Termos como “cabras” para se referir a pessoas, deitar em rede, sol escaldante, açudes, juazeiros, farinha, dentre outros são características do sertão do Nordeste Brasileiro. A partir da apresentação dos elementos da paisagem no decorrer da narrativa, é possível identificar o local. (Grifo do autor)

Para o trabalho em sala de aula é sugerido primeiramente a leitura do texto **Vidas Secas** e depois, identificar o ponto central da história, observar as paisagens que sugere o lugar onde se passa a história. Para finalizar, a atividade com o texto, os alunos terão que descrever “as condições sociais em que a cena se passa. Buscar no texto elementos que justifiquem a sua resposta” (S/D, p.71) Nesse planejamento contém Contexto no mundo do trabalho, Tempo sugerido, resultados esperados e dicas do Professor.

Na disciplina de Português, o nome do planejamento é “Teatro em sala de aula” e o único objetivo é “estimular a criatividade, o interesse e o espírito crítico; incentivar a leitura, a expressão oral e a integração da classe”. (S/D, p.72) Na introdução, temos várias perguntas:

Você já pensou em representar? Ou prefere criar cenários ou figurinos para uma peça de teatro? Gostaria de dirigir atores? Iluminar? Há espaço para esses trabalhadores no mundo mágico do teatro.

Na descrição da atividade, é solicitado inicialmente a leitura do texto e para os alunos observarem trechos dramáticos, e desse modo discutir o texto com base nas perguntas sugeridas “quem é o autor, em que época o texto foi escrito, quando foi editado e por quem, quem são os personagens principais, que problemas enfrentam”, entre outras perguntas.

Após a discussão, no próximo passo da aula, o professor terá que dar noções gerais de teatro, mas a partir do conhecimento prévio dos alunos sobre o teatro, ou seja, o professor fará questões e as respostas serão de acordo com as dúvidas dos alunos. “Como fariam para reproduzi-la em um espaço como a sala de aula?... Haveria musica de fundo? De que tipo? Haveria ruídos?... Como os atores vestiriam?” (S/D, p.72) São esses tipos de perguntas que o caderno do professor sugere para dar as noções de teatro e o resultado dessa atividade é que os alunos façam cartazes para espalhar na escola, para apresentar a peça teatral produzido por eles.

Até nesse ponto observamos como é sugerido o trabalho com os fragmentos do texto literário. No texto 7 de Walt Whitman – Um canto às ocupações, não encontramos nenhuma sugestão de trabalho na área de Literatura (que não existe), e nem sugestões na área de Português. Trabalha-se com o poema em Ciências e em Educação Física, mas o poema em si não é analisado e muito menos desenvolvido. Percebemos, que o texto literário é utilizado como pretexto para se trabalhar outra (ou qualquer) coisa, construindo um enorme equivoco.

No texto 17, é apresentado um fragmento da obra de Graciliano Ramos – “Vidas Secas”. Como já vimos, esse trecho do livro é sugerido para trabalhar em Artes, Ciências, Geografia e por último em Português. Contudo, o nosso foco é com a Literatura que deveria estar incluído na disciplina de Português.

Dessa forma, observamos que o trabalho sugerido é dinâmico, com o foco voltado para as artes cênicas e a interpretação fica em segundo plano.

No Caderno **Cultura e trabalho** do aluno é possível exemplificar um trabalho com o texto literário. No texto 14 intitulado “Geografia do sabor” apresenta diversas receitas culinárias de diferentes regiões do Brasil. A receita da região do Nordeste é o Acarajé, da região Norte é a Maniçoba, da região Centro-Oeste é Pamonhada, da região Sudeste é o Virado á paulista e na região do Sul é o Siri no Bafo. As receitas seguem as devidas ordens: porções, ingredientes e modo de preparo.

No caderno do professor podemos observar como se dá o planejamento de trabalho com o texto Geografia do sabor na área de Português. O nome do plano de aula é Receita poética. O único objetivo é “Transformar texto instrucional em poema” (S/D, p.63). Nesse planejamento, não contém o contexto no mundo do trabalho e na introdução o foco é voltado para o cidadão, em que é realizado diversas perguntas, vejamos: “Você sabe a receita para formar um péssimo cidadão? Quantas xícaras de desrespeito são necessárias? Quantos gramas de preconceito? Quantas colheres de má educação?” (S/D,p.63)

No primeiro passo da descrição da atividade, é indicado para fazer a leitura das receitas com alunos e consultar a classe para saber se algum deles conhecem ou já experimentou algumas das receitas. E também é sugerido que os alunos levem os ingredientes para poder fazer um jantar. No segundo passo, o professor deve “mostrar que as receitas são textos instrucionais, que precisam ser cuidadosamente ordenados” (S/D, p.63) para não haver erros nas receitas.

Nos próximos passos, o aluno terá que pesquisar o texto de Vinicius de Moraes – “Feijoada á minha moda” e ler também a receita de Dorival Caymmi – receita de “Vatapá”. Depois de realizada a leitura desses textos, os alunos terão que “criarem receitas para formar um bom cidadão, um excelente presidente de empresa, etc.” (S/D, p. 63)

Urge que façamos algumas observações nesse ponto, pois nesse planejamento da Receita poética, podemos perceber um deslize, postula-se uma educação pautada na economia solidária na contramão do capitalismo, porém até as próprias atividades sugeridas pelo plano de aula demonstra uma contradição, retomamos a atividade sugerida: o aluno terá que criar uma receita de “como formar um bom cidadão, um excelente **presidente de empresa**, etc.” (Grifo meu, p.63) Fica perceptível que o próprio material didático não consegue se desvincular dessa ideia capitalista e focar no que as Orientações direcionadas a EJA prevê. Como poderia aplicar o pensamento anticapitalista da Economia Solidária na prática, sendo que não há suporte educacional necessário para que isso realmente aconteça.

Até aqui pudemos perceber que no Caderno do professor ficou claríssimo que não aparece nenhuma proposta para a área de Literatura (e, imaginamos como seria em sala de aula). O fato é que quando a proposta de trabalho do caderno do professor é montada em nenhuma proposta aparece para área de literatura quando muito aparece na área de Português em meios a atividades como produção de textos entre outros (como já observamos.)

Nesse ponto, cabe dizer que de alguma maneira quase todas essas metodologias e propostas de trabalhos vão à contramão das propostas dos documentos oficiais. É possível relembrar que no PPP da escola diz que a literatura deve contemplar vários temas literários como: “Arte literária e as outras artes, História e literatura, Os gêneros literários e os elementos/recursos que os compõem”, entre outros. Porém, o trabalho com a literatura vai aparecer (no Caderno do Professor) não com o texto literário, mas com a receitinha.

Antes que se faça uma abordagem mais direcionada aos documentos oficiais é importante fazer outro apanhado mais aprofundado em outra coleção de cadernos da EJA. Aqui, observaremos como se dá o trabalho de Literatura na coleção **Tempo livre e trabalho**, os textos escolhidos foram: “Ursa maior” e “Parque de diversões.”

“Ursa Maior” é um texto de Mario de Andrade retirado do romance brasileiro Macunaíma. No caderno do professor, encontramos na área de Português um trabalho notório, a atividade desse planejamento recebe o nome

de “Característica do texto literário”. O único objetivo destacado é “reconhecer as distinções entre o texto literário e o não literário.” (S/D, p.19) Na introdução há vários questionamentos: Escrever é uma atitude frente ao mundo? Quando podemos, na escrita, deixar nosso coração falar? Quando a razão deve predominar? O que seus alunos têm a dizer?” (S/D, p.19)

Esse planejamento é demasiadamente peculiar, pois envolve de alguma forma uma miscelânea de textos. Na descrição da atividade, o primeiro passo é colocar uma música erudita e o professor deve questionar os alunos sobre o que essa canção lhes transmite e, dessa maneira, o professor haverá de explicar que a “música é obra de arte, feita para atingir a sensibilidade do que a razão e, por isso, nunca tem um mesmo significado para todos”. (S/D, p.19)

No próximo passo do planejamento, o foco é primeiramente voltado para a obra **Macunaíma** em que fala sobre a narrativa. Depois começa o trabalho com outros textos que são considerados como não literário: escrita na folha de cheque e notícia de jornal. Desse modo, há uma consideração afirmando que nessa coleção – Cultura e Trabalho – há vários tipos de textos com caráter utilitário que é distinto do texto literário.

O resultado final desse plano de aula é uma produção de textos, em que o aluno terá que produzir um texto em linguagem coloquial, criar “uma história com intenções literárias, um conto maravilhoso em que a realidade e irreabilidade se misturem harmonicamente, de modo verossímil.” (S/D, p.19)

No texto 10 que é nomeado Parque de Diversões de Ana Miranda, conta a história de uma família humilde em que o pai não tinha uma boa condição financeira e num certo domingo, o pai os leva de trem a certo lugar que desde o título do texto imaginamos que seria num parque de diversão comum. Só que eles se divertem de acordo com que a realidade lhes permitia “Ao final, fizeram a volta e subiram a escada rolante. Desceram e subiram durante mais de uma hora”. (S/D, p.23) Todos os domingos, eles iam no “parque de diversões” e faziam o mesmo trajeto para casa.

Para esse texto há varias propostas de trabalho, na área de Ciências, Educação Física, Matemática e duas propostas na área de Educação e

Trabalho. Na área de Ciências, o nome do planejamento é “Meios de transporte”, e tem como foco “compreender a diversidade existente de meios de transporte e identificar alguns impactos ambientais e de saúde causados pelos meios de transporte em nosso país” (S/D, 37). Nessa atividade, os alunos terão que identificar os meios de transportes como: ônibus, bicicleta, trem, metro, carro, barcos e etc. E como resultado final, o discente terá que construir “um diagrama para cada um dos meios de transporte identificados” (idem, p.37)

No segundo plano pedagógico, para o texto “Parque de diversões”, é instaurado na área de Educação física e recebe o título de “como você usa o seu tempo livre?”, e objetivo é “refletir sobre as diferentes formas de utilizar o tempo livre” (S/D, p.38) Na “descrição da atividade” o professor fará uma discussão com os alunos sobre “quais atividades eles fazem nos momentos em que não estão trabalhando” (p.38) E no final, é sugerido que o professor propõem uma brincadeira de mímica na sala de aula.

O próximo planejamento é na área de “Educação e trabalho” e tem como título “parque de diversões”. O objetivo é “conhecer e discutir as possibilidades de lazer dos trabalhadores suas famílias” (S/D, p.39) Na sequência, o professor pedirá que um aluno leia o texto em voz alta para a classe, depois da leitura, os alunos terão que responder algumas questões referentes ao texto “Parque de diversões – Ana Miranda). Como por exemplo: “Você acha que o pai das crianças é um trabalhador? Justifique”. Em seguida, os alunos em grupos terão que elaborar um texto “que expresse uma situação vivida por uma família, durante uma semana, que articule trabalho e lazer” (p.39). E para dar fechamento, o texto terá que ser exposto no mural da sala.

“O seguinte plano também está instaurado na área “Educação e trabalho” e tem o título “o lazer de cada um”. E o objetivo é “pensar na prática do lazer como exercício do convívio, do relaxamento, da ausência de compromisso”. (p.40). Nesse planejamento, a leitura do texto é sugerida coletivamente e o resultado final é a produção de “um pequeno texto, em prosa ou poesia, em que se o aluno fale de seu momento de lazer e o que isso representa na vida dele”. (p.40)

E por ultimo, temos o planejamento metodológico na área de matemática, e tem o titulo “Horas felizes”. O objetivo é “possibilitar reflexões que mostram que a posição social não define nem garante felicidade”. E na descrição de atividade encontramos exercícios. O ultimo exercício é que o aluno encontre “a altura do edifício onde as crianças andam de escada rolante, considerando que a cada andar tem 3,2 m de altura e que o prédio possui 18 andares” (S/D, p.41)

Em síntese, o foco desses planejamentos se baseia na articulação do trabalho com o lazer. Na única proposta de trabalho que o texto literário vai aparecer é na área de Educação e trabalho – O lazer de cada um, em que o aluno terá de produzir “um pequeno texto, em prosa ou poesia, em que se o aluno fale de seu momento de lazer e o que isso representa na vida dele”. (S/D, p.40)

5. Considerações finais

Após ter realizado todo um percurso para a realização deste trabalho, como pesquisas teóricas, visitas a escola, acompanhamento em sala de aula e a vivência nessa entidade escolar de alguma forma contribuíram para compreender um pouco da realidade desse sistema de ensino.

Com base em nossa análise, verifica-se que os Cadernos de EJA tentam auxiliar o professor, porém o próprio material direcionado acaba dificultando a situação do processo de ensino e aprendizagem da literatura. Pois, de alguma forma, não é dado o devido espaço para o trabalho com o texto literário. Apesar dos documentos oficiais dizerem o inverso.

De certa maneira, o trabalho com o texto literário depende criteriosamente do professor, e em se tratando dos cadernos da EJA, podemos dizer que não há espaço para o ESTUDO DO TEXTO LITERÁRIO, sendo que no caderno do aluno aparece o texto, contudo no caderno do professor a sugestão para interpretação e o estudo do texto não aparece.

No decorrer desse estudo, estabelecemos responder a seguinte questão: como se dá o trabalho com o texto literário nos cadernos da EJA. Contudo, durante nossa pesquisa constatamos que a Literatura no material didático direcionado à Educação de Jovens e Adultos tem uma relação com o trabalho, uma vez que em todos os “Cadernos de EJA” encontramos o termo “trabalho” em seu título.

Este indicador evidencia um ensino e aprendizagem pautados para o mercado de trabalho, mesmo as teorias educacionais tentando mostrar ideais que de alguma forma contrarie o pensamento capitalista, acaba virando um emaranhado de coisas que não conseguimos definir, pois a proposta contradiz os documentos oficiais.

Dessa forma, visualiza-se nesse contexto que o “trabalho” acaba tendo um destaque importante para esse sistema de ensino. Conforme as Orientações Curriculares das Diversidades Educacionais, o “trabalho é um dos

principais fundamentos constituintes da proposta pedagógica orientada a Jovens e Adultos estudantes.” (2012, p.230) E essa orientação afirma ainda que “o mundo de trabalho não pode ficar separado” do currículo do estudante da EJA, sendo que, o professor e a escola têm o compromisso de proporcionar “a discussão e apontar outras formas de trabalho (e de economia) alternativos”. (2012, p.230).

De alguma forma, temos a sensação de que o estudante da EJA tem que estar somente ligado ao mundo de trabalho, não sendo prioridade o seu crescimento intelectual. Parece que o direito à cultura literária lhes é negado, focalizando apenas sua realidade no universo capitalista. Como se os educadores estivessem formando alunos, restritamente para o mercado de trabalho. Não sendo o intuito formar jovens e adultos críticos que vão contra o *status quo*, estudantes que sabem pensar e criticar sua realidade.

Com base ainda na OCDE, é possível dizer que há varias maneiras de desenvolver o trabalho com a Economia solidária, podemos exemplificar uma dessas formas: na tal economia encontramos a idéia de barganha, “o produto em questão não tem que ser necessariamente um objeto. Pode-se trocar um objeto por serviço um serviço por conhecimento”, sem ter necessariamente o sentido capitalista. No tocante a este ponto desta formação pautada no mercado de trabalho, Meszáros (2008, p.45) é severamente crítico ao afirmar que

(...) a tarefa de romper com a lógica do capital no interesse da sobrevivência humana, seria um milagre monumental. É por isso que, também no âmbito educacional, as soluções “não podem ser formais, elas devem ser essenciais”. Em outras palavras, elas devem abarcar a totalidade das práticas educacionais da sociedade estabelecida.

Não adianta sancionar leis, se as práticas pedagógicas continuarem sendo as mesmas, urge assim uma reforma educacional nesse sistema de ensino, “(...) o domínio do capital pode e será quebrado” (2008, p. 53). Portanto, conforme nossa abordagem, “o trabalho” acaba assumindo a parte

central do foco dos Cadernos da EJA. A Literatura, acaba assumindo a parte periférica dos cadernos, pois os planejamentos com os textos literários são rasos, e contudo, não seguem o que a Orientação da Área da Linguagem (2012) prevê, pois em nenhum plano de aula permite que o aluno tenha uma experiência artísticas. Conforme esta orientação para um estudante ter uma experiência de artes, ele necessita ler a obra, pensar sobre ela, recria - lá, a partir do que o aluno conhece, do que ele gosta e do que valoriza.

Bibliografia

AGUIAR, Vera Teixeira de. **Leitura e conhecimento**. 2007. Disponível em: <<http://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/view/246/99>> Acesso em: 20/06/ 2012.

BORDINI, Maria da Glória. **Literatura na escola de 1º e 2º graus: por um ensino não alienante**. *Perspectiva*, Florianópolis, ano 2, n. 4, p. 27-46, jan./jun. 1985.

BRAGA, Patrícia Colavitti. **O ensino de literatura na era dos extremos**. 2006. Disponível em: < <http://www.letramagna.com/literatura.pdf>>. Acesso em: 26/07/2012

CANDIDO, Antonio. **Na sala de aula – Caderno de análise literária**. Editora ática. 1988

_____. **“O Direito à literatura”**. In: *Vários escritos*. São Paulo-SP: Livraria Duas Cidades, 3 ed., 1995

COSSON, Rildo. **Letramento Literário**. São Paulo. Contexto, 2006.

ECO, Umberto. **Seis Passeios pelos bosques da ficção**. Tradução Hildegard Feist. – São Paulo: Companhia das Letras, 1994

FRANCHETTI, Paulo. **Ensinar Literatura para quê?**:UFMT, Cuiabá. 2009. Disponível em:< http://desenredos.dominiotemporario.com/doc/03_ensaio_-_literatura_-_Franchetti.pdf> Acesso em: 22/02/2013

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo. Cortez 1988

GADOTTI, Moacir; Formação de pessoas adultas – A última experiência de Paulo Freire. S/D. Disponível em: http://siteantigo.paulofreire.org/pub/Institu/SubInstitucional1203023491It003Ps002/Formacao_pessoas_adultas.pdf. Acesso em: 10/08/2013

LAJOLO, Marisa. “A leitura literária na escola” e “Os leitores, esses temíveis desconhecidos”, in: **No mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 2002

MAGALHÃES, Epaminondas de Matos. **Entre as velhas e as novas crises da leitura**. 2010. Disponível em: <http://enale.files.wordpress.com/2012/03/02-mesas_coordenadas_ii_enale.pdf>. Acesso em: 05/03/2012

MATO GROSSO. Secretária de Estado de Educação. **Orientações Curriculares: Diversidades Educacionais**. Cuiabá: Gráfica Print, 2012

MÈSZÁROS, István. **A educação para além do capital**. 2.ed. São Paulo: Boitempo, 2008.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. “A criação do texto literário”. In: **Flores na escrivania**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998

RANGEL, de Oliveira Egon. **Letramento literário e livro didático de língua portuguesa: “os amores difíceis”**. In: PAIVA, Aparecida (org) **Literatura e letramento: espaços, suportes e interfaces - o jogo do livro**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

SECAD, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e diversidade. **Cultura e Trabalho**, s/d.

SECAD, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e diversidade. **Tempo livre e Trabalho**, s/d.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Tradução de Caio Meira. - 3ª Ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2010

ZILBERMAN, Regina. **Que literatura para escola? Que escola para a literatura?**. 2009. Disponível em: <<http://www.upf.br/seer/index.php/rd/article/view/924/554>>. Acesso em: 15/04/ 2013.